

Saindo do forno

Hoje, quinta-feira a Intersindical está reunida em Florianópolis para traçar as linhas da campanha na Eletrosul, cujas pautas específica e nacional serão encaminhadas à Eletrosul e Eletronorbrás na próxima semana.

Concessões em perigo

Os diretores do Sinergia Delman Ferreira e João José Cascaes Dias, representando o Comando Nacional dos Eletricistas, estiveram esta semana em Brasília, no Ministério da Fazenda, discutindo a Lei das Concessões que o governo quer aprovar rapidamente para vender as estatais e fazer caixa. A reunião foi muito tensa. Participaram também representantes de concessionárias estaduais que defenderam a posição do CNE sobre o assunto. O secretário-geral do Ministério da Fazenda, Eduardo Jorge, diante do impasse, convocou nova reunião daqui há 15 dias.

Aposentadorias mais distantes

Hélio Coimbra, diretor do Sinergia, participou em Brasília, representando a Intersul, de um debate na Comissão de Previdência onde o Ministro Antonio Brito esteve para explicar sua proposta que afeta as aposentadorias especiais. O que está em jogo para os eletricistas é o aumento do tempo de serviço para requerer aposentadoria.

Violência tem que acabar

O Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC está coordenando um grupo de entidades civis para debater e sensibilizar a população sobre a questão da violência, partindo de fatos como os massacres de Carandirú, Candelária, Viário Geral e Ianomâmis. Dia 9 de setembro, das 14 horas às 19 horas, vai haver uma manifestação no Largo da Catedral, em Florianópolis. Informações com o professor Aldo, fone 31-93-15.

LINHA VIVA

Nº 240
02/09/93

TERCEIRIZAÇÃO É UM GRANDE NEGÓCIO (para as empreiteiras)

A Celesc está gastando muito dinheiro para "cobrir" os furros deixados pelas empreiteiras. No dia em que os catarinenses descobrirem vão querer que a diretoria da empresa explique como é este "negócio" de terceirização que acaba só trazendo prejuízos.

A prova mais recente - para aqueles que ainda têm alguma dúvida de que o que é bom para as empreiteiras é péssimo para a Celesc - é a carta do supervisor da Central de Atendimento ao Consumidor da Celesc/Florianópolis, Osny Neves da Silveira, encaminhada à empreiteira RIBRES.

Nela o supervisor comunica que está devolvendo 259 contas de energia elétrica para que, como ele diz, seja feito um "repasse" na entrega das mesmas. Osny alerta sobre a "necessidade de uma substancial melhora deste serviço, pois a má qualidade da mão-de-obra reflete-se imediatamente em nossos serviços de atendimento aos consumidores, com aumento das reclamações e filas".

Lembra ainda que "no curto período em que a Celesc retomou a entrega de contas, praticamente inexistiram reclamações sobre este serviço". Isto, por si só já seria um motivo suficiente para interromper o serviço empreitado. Mas Osny acrescenta: "além da insatisfação dos consumidores, aumenta consideravelmente a nossa mão-de-obra interna em fiscalização e controle do serviço contratado". Quer dizer: a Celesc paga por serviço que pode ser feito pelos seus empregados, e com melhor qualidade, e paga outra vez, para controlar e fiscalizar os serviços que a empreiteira faz.

"O caso da RIBRES é apenas um exemplo da displicência com que as empreiteiras vem executando os serviços de atendimento aos consumidores, com reflexos negativos para a empresa. É importante que o funcionário da Celesc fique atento a este tipo de eficiência privada, observa Luiz Cézar Vieira, diretor do Sinergia.

Mulher Urbanitária

Um estudo sobre a participação da mulher no segmento urbanitário no Brasil foi apresentado no VI Enel realizado, há 15 dias em Belo Horizonte. A pesquisa realizada pelas subseções do Dieese-Linha Eletricistas, demonstra que a mulher urbanitária é mais discriminada que em outras categorias.

Deu somente no Jornal do Brasil

Segundo o jornal carioca, o governador Kleinu-bing não sabe o que fazer com o dinheiro que a Celesc está arrecadando. "Só se eu pintar os postes de ouro", teria dito o governador diante de uma sobra de caixa na Celesc de 20 milhões de dólares aplicada no mercado financeiro. O JB diz que a Celesc além de ter todas suas contas em dia, tem a menor tarifa do país, gasta 25 milhões de dólares de recursos próprios na construção e ampliação de subestações e tem 100% das propriedades rurais eletrificadas. E ainda assim ele quer privatizar a empresa.

SERÁ QUE TÁ SOBRANDO?!



Negociata à Vista

Está sendo comentadíssima pela imprensa gaúcha a criação de um consórcio de empresa que concluiriam a obra da usina termelétrica de Jacuí, da Eletrosul, no Rio Grande do Sul. O consórcio é formado pela Copelmi, Cobrasma, Villares e Coemsa. Os recursos necessários para a conclusão da usina, segundo a imprensa, seriam no valor de 260 milhões de dólares, que virão do BNDES.

A Copelmi, mentora do consórcio, é uma mineradora privada que tenta viabilizar a vida de uma mina de sua pro-

priedade, localizada em Guafba. O que está chamando atenção é que todo projeto de Jacuí foi baseado no fornecimento de carvão vindo da mina Leão II, da Companhia Riograndense de Mineração, uma estatal gaúcha. Esta mina já recebeu 70 milhões de dólares de recursos públicos para poder servir à usina.

O Sinergia está há mais de um mês estudando este "negócio" que aparentemente será mais uma transferência de patrimônio público para o setor privado, que no final inviabilizaria Jacuí.

Intercel convoca assembleias para setembro

Entre 13 e 15 de setembro, a Intercel realiza assembleias em todo Estado para discutir e deliberar os encaminhamentos que serão dados para a campanha na Celesc.

Dia 31 de agosto, a Intersindical acertou com a Diretoria Administrativa da Celesc a primeira reunião de negociação para dia 9 de setembro, às 14 horas, no SINERGIA. Esta primeira reunião acontecerá depois de mais um mês da entrega da pauta para a empresa que, seguindo sua velha tática de protelação,

diz não ter todo tempo para formar sua contraproposta.

Arno Cugnier, diretor do Sinergia, alerta a categoria que "novamente é fundamental a participação ativa de todos eletricitários, porque este ano está sendo discutida a renovação da cláusula de garantia de emprego que, diante das intenções de privatização da Celesc e aumento da terceirização, colocam mais ainda em risco a estabilidade na empresa".

EDITORIAL

CUT: 10 anos de luta

No último dia 28 a CUT - Central Única dos Trabalhadores, à qual o Sinergia é filiado, completou 10 anos de existência. Foi criada em função dos desdobramentos da organização dos trabalhadores brasileiros, no âmbito da luta de classes num país que é ao mesmo tempo a nona economia mundial, e ocupa uma das últimas posições em termos de distribuição de renda.

A CUT possui atualmente 2 mil sindicatos filiados em todos os estados. Suas instâncias de deliberação, tensionadas permanentemente pelos valores universais da democracia, se constituem em Congressos e Plenárias à nível nacional, estadual e regional, com os respectivos organismos de direção.

Cada sindicato filiado contribui mensalmente com 5% de sua receita, assim distribuída: 25% para a CUT Nacional, 40% para a CUT Estadual, 25% para a Regional e 10% para os Departamentos.

A Central mantém convênio com centrais sindicais internacionais para projetos de formação como a Escola Sul (a ser construída no próximo ano em Florianópolis), de estudos sociais, estatísticos, políticos, de saúde, automação, etc...

Pelo fato de se contrapor frontalmente ao projeto neoliberal que exclui a maioria da população dos mínimos direitos de cidadania, a CUT é bombardeada pela elite e seus porta-vozes. Certos oponentes, no entanto, ansiosos por nivelar todos em seu

próprio mar de lama, fazem acusações estereótipos, meras pirotecnias, com objetivo de comprometer a Central junto à opinião pública. É o caso recente, que ganha manchetes em todo o país, tendo como protagonistas o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf (PPR), e seu fiel escudeiro, o senador Esperidião Amim (PPR). Se muitas vezes os fatos falam por si, este é um deles.

Num triste atentado ao entendimento popular, estes senhores procuram, em vão, desviar as atenções de seus próprios escândalos, como a criação de uma empresa fantasma para financiar campanha eleitoral do atual prefeito de SP.

Como se não bastasse, voltam suas baterias contra trabalhadores da administração federal que conseguem denunciar casos de corrupção que tomam conta do país.

A trajetória política do senador todos conhecem, desde o berço esplêndido na ditadura militar. Seu atual papel de defensor de Maluf no consagrado caso Pau-Brasil, e de acusador da CUT, contribui para transformar a nossa cena política já tão precária, numa verdadeira farsa do cotidiano.

Desta forma, entre ataques, adversidades e uma organização que se solidifica a cada dia, a CUT assume radicalmente a tarefa de representar a massa de trabalhadores no objetivo de escrever na história do Brasil páginas de justiça social, igualdade e democracia.

Negociando (e lucrando) com o dinheiro do povo

"A privatização brasileira tem sido um processo vergonhoso, que só por ser brasileira, não resultou, nem o fará, em maior ocupação dos presídios". Este foi o teor da coluna do jornalista Jânio de Freitas, na Folha de São Paulo, no último final de semana. Jânio de Freitas comentava, em particular, a privatização da Cosipa (Companhia Siderúrgica Paulista) que aconteceu no dia 20 de agosto. Por causa da escandalosa operação, foram demitidos na sexta-feira passada o diretor de privatização do BNDES, Sérgio Zendron, o presidente deste banco estatal, Luiz Carlos Delben Leite, e pediu demissão - mas foi mantido no cargo - o ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko. De quebra o governador paulista Fleury Filho rompeu com o governo Itamar, levando consigo parte do PMDB.

Até agora a "transação" da compra de ações da Cosipa continua nebulosa. Os jornais do centro do país e as revistas econômicas tentam desvendar a operação. Quem comprou 71,79% do total da companhia, por 237,6 milhões de dólares, foi o empresário Aldo Narcisi, da Brastubo, que tem um patrimônio de 10 milhões de dólares e fatura 2 milhões de dólares por mês. Ninguém, num primeiro momento, conseguiu entender de onde ele tirou dinheiro para fazer a compra. Agora se sabe que Narcisi, pessoa de confiança de Fleury, membro da Fiesp, e presidente da Cia Paulista de Desenvolvimento (que tinha a "tarefa" de viabilizar a parceria entre empresas e governo paulista em projetos de obras públicas) foi o testa-de-ferro do Banco Bozano, Simonsen. Foi este banco que assinou a carta de fiança da Brastubo, para o leilão.

O Bozano, Simonsen foi criticado um mês atrás pelo ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero. O ministro disse que o banco não deveria participar de um terceiro leilão. Segundo a revista Exame, o banco que já é dono da Usimi-

nas e da Cia Siderúrgica de Tubarão, se torna assim senhor de toda siderurgia nacional, com 61% da produção de aços planos comuns e 89,4% da fabricação de placas. Concentra ainda 70% da produção de laminados a frio, 70% de laminados a quente e 100% da oferta de chapa grossa. Um poder sobre a indústria nacional invejável. Um verdadeiro monopólio, também chamado por alguns de "livre mercado". Ninguém é louco de achar que o Bozano, Simonsen jogou dinheiro fora ao comprar estas estatais, ou de que o governo fez um bom negócio ao vendê-las.

COM AJUDA DO BNDES

Segundo a imprensa, o presidente e diretor de privatização do BNDES, passaram por todo este episódio da venda da Cosipa "mais preocupados em passar informações sobre a companhia para o Palácio Bandeirantes (sede do governo paulista) e para o ministro Fernando Henrique Cardoso, do que para o Planalto. Por quê?

Para Jânio de Freitas a demissão de Zendron foi salutar ao Brasil. "...Neste colar de episódios escandalosos, Zendron esteve sempre no centro de cada caso, sempre envolvido com métodos de avaliação que depreciaram, em benefício de compradores em geral conhecidos de antemão, o valor do patrimônio nacional a ser privatizado. Apesar disso - ou por isso? - atravessou todas as presidências do BNDES como principal gestor da privatização na equipe do banco." O ministro Stepanenko diz que Zendron era detentor da "caixa preta" da privatização e por isto teria sido demitido. Delben Leite, empresário paulista, membro da Fiesp e indicado por Fleury para a presidência do BNDES, pediu demissão por causa de demissão de Zendron. Fleury, indignado com o fato e aproveitando a oportunidade, rompeu com Itamar.

Como comprar uma estatal sem gastar um tostão

A continuar neste andar, a privatização de estatais no Brasil pode acabar numa grande vendetta. Esta semana o consórcio de gigantes (Vale do Rio Doce, Vicunha, Votorantim, Método Engenharia) que já é dono da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e que tentou comprar a Cosipa e perdeu para a pequena Brastubo, botou a boca no mundo: insinuou que por trás da Brastubo, além do Bozano, Simonsen, estaria a japonesa Mitsubishi, distribuidora mundial de aço. Mas o que está em jogo, na verdade, é o monopólio de aço brasileiro.

A imoralidade é tanta que a Revista EXAME - dedicada ao empresariado nacional, publicou em 1º de setembro uma cartilha que ensina qualquer um a se tornar dono de uma estatal brasileira. A falta de vergonha passa por recados do tipo "não é fundamental que você tenha dinheiro em caixa". E não faltam exemplos. Segundo a revista no leilão da Ultrafértil, em junho, a empresa que comprou a



TRIBUNA LIVRE

UM GRITO NO VALE

Israel Nunes Economista/DPEF

A vida nos reserva surpresas agradáveis ou desagradáveis e, em decorrência disso, nos defrontamos com situações que requerem uma posição firme sobre um determinado episódio de nossa vida.

Vamos reportar-nos a uma teoria, a qual diz que cada pessoa vive segundo seu temperamento, isto é, se uma pessoa tem o temperamento alegre, faz de tudo para que os acontecimentos convirjam para isso; se uma pessoa tem o temperamento cego, ou seja, sem a capacidade de discernimento, tentará convergir para a escuridão.

Se você é uma pessoa especial, reconheça este adjetivo, e continue comportando-se como tal. Mas se você não tem a certeza de que é uma pessoa especial, tente tornar-se uma delas de forma consciente e convincente. Fuja da sombra e decida sob o prisma da luz, do conhecimento, da sabedoria, ou melhor, do autoconhecimento do seu potencial intrínseco, da alma cristalina e transparente.

Não devemos agir como as pessoas que convergem seus temperamentos de forma inconsistente e inconsciente, ou seja, de forma intuitiva.

Cada um de nós tem um cofre muito precioso dentro de si mesmo com a respectiva chave. As pessoas tentam armazenar nesse cofre muitas coisas, e acabam transformando-o num entulho, num verdadeiro depósito de coisas, de lixo. E, para agravar perdem a chave.

Se você possui um cofre como todas as pessoas comuns, e já encontrou sua chave, então é imprescindível transmutar os entulhos inclusos no cofre, como se fosse verdadeiro tesouro, quebrando, destruindo e expelindo as coisas fúteis, indesejáveis e sem nenhum significado. É uma tarefa (missão) muito dolorosa, difícil e, até certo ponto, morosa.

Reconstruir só é possível destruindo esse mundo. Portanto, é fundamental reletir no seu mundo esotérico, se você almeja verdadeiramente um encontro com você mesmo(a).

A decisão está em suas mãos. Encontre a chave e dê UM GRITO NO VALE: no mundo adormecido.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Rosemeri Dolor Siqueira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.



A terceira descoberta do Brasil

**Gastão Cassel
Do Linha Viva**

Esta é a programação do cinema do Centro Integrado de Cultura até a sexta-feira da semana que vem. Os filmes programados integram a mostra do cinema francês. Os eletricitários, com a apresentação da carteira do Sinergia, têm direito a meia-entrada, em função de acordo do sindicato com este sindicato.

Quinta-feira, 02 e Sexta-feira, 03

19h - Perdas e Danos (Damage/Fatale). Inglaterra/França, 1992. Direção de Louis Malle. Com Jeremy Irons, Juliette Binoche, Miranda Richardson, Rupert Graves, Leslie Caron e Ian Banne. Duração: 1h50.

21h - Tem Dias de Lua Cheia Sábado, 04

19h - Perdas e Danos

21h - L'Atalante (L'Atalante). França, 1934/1990. Direção de Jean Vigo. Com Michel Simon, Dita Parlo, Jean Dasté, Jean e Jacques Prevert. Duração: 1h40. Relançamento de filme clássico francês, de 34, mutilado à época de seu lançamento, apesar (ou por causa) de ser muito avançado para seu tempo. Na barca L'Atalante, que navega pelo Sena, estão seu dono (Dasté), recém-casado com uma camponesa (Parlo), e um ajudante excêntrico (Simon). Sobre o leito do rio, navegam a solidão e os problemas dos personagens. Uma introdução situa historicamente o filme e sua difícil realização.

Domingo, 05

17h - Tem Dias de Lua Cheia

19h - Perdas e Danos

21h - L'Atalante

Segunda-feira, 06 e terça-feira,

07

19h - Perdas e Danos

21h - Tem Dias de Lua Cheia

Quarta-feira, 08, Quinta-feira, 09 e Sexta-feira, 10

21h - L'Atalante

A tarefa de Cabral foi simples. Para descobrir um país ele atravessou o oceano em caravelas até chegar a uma terra que já sabia que existia. Desembarcou, ergueu uma cruz, rezou uma missa e mandou logo uma carta dizendo que chegou. Daí para a frente os colonizadores tocaram o barco, até que o Brasil virou o que é, algo mais complexo do que "um país tropical abençoado por Deus".

A tarefa de Gilberto Gil e Caetano Veloso foi mais complicada. Redescobriram o país na década de 60 sob um regime nada amigável para quem queria criar e extravar. Principalmente se este alguém achasse que "é proibido proibir". Comunicaram sua descoberta com o disco coletivo *Tropicália*, lançado em 1967. Caetano, com a música que deu nome ao disco, e Gil, com *Domingo no Parque*, lançam as bases definitivas para o movimento tropicalista que desceu da Bahia para encantar o país inteiro.

Nas vésperas do exílio as músicas-crônicas dos dois baianos cristalizaram um momento da história do país, o desenvolvimentismo, a repressão, os sonhos, a tristeza de partir e a beleza das cores de um país que não combinava com o verde-oliva que predominava então. "O monumento não tem porta/ A Estrada é uma rua antiga e torta/ E no joelho, uma criança feia e morta/ Estende a mão", relata

Caetano em *Tropicália*.

Agora, em pleno 1993, a dupla volta a descobrir o Brasil, e revela isso ao mundo com o disco *Tropicália 2*. É um país pós-impeachment, pós-Carandirú, ainda discriminador, ritmado, saudosista e, obviamente, tropical. Um Brasil sem utopia, que livre do desenvolvimentismo fajuto dos militares se afoga em uma "modernidade" indecen-

Talvez este disco não se torne antológico, *cult* como o primeiro *Tropicália*. Os dias não estão para a construção de ícones. Vivemos a impermanência de um tempo veloz conduzido pelo consumo. E *Tropicália 2* não é para consumir, é para ouvir, refletir e desfrutar. As melodias e os arranjos são leves, em oposição à tendência "energizada" que domina as rádios e grava-

TRO
PI
CÁ
LIA
2



te, corrupta, desigual e aniquiladora de sonhos. "A grandeza épica de um povo em formação nos atrai, nos deslumbra e estimula. Não importa nada: nem o traço do sobrado nem a lente do Fantástico, nem o disco do Paul Simon. Ninguém, ninguém é cidadão", denunciam na primeira faixa do disco.

Depois, faixa por faixa, vozes apuradas e arranjos impecáveis vão desvendando uma contemporaneidade estonteada que aparece em ritmo de samba enredo, de rap, de axé-music e de rock. Sem ironia, de forma explícita, revelam que temos também uma porção Jimmy Hendrix na nossa identidade (pós-moderna?). A gravação de *Wait until tomorrow* se encaixa com a bossa nova e com o baião. É tudo Brasil.

doras. As letras são intrincadas, mas não complicadas - sutis, quem sabe? - num país onde a sutileza ainda precisa ser anunciada.

A grande virtude do disco, no entanto, está em registrar nosso tempo como um fotograma grava o instante. Faz isso sem os sentimentos simplificados de derrotismo, ufanismo ou pasmaceira. Não é um disco perplexo, é complexo. Resgata a indignação, o tédio, a contradição, o medo, e o incansável hábito brasileiro de prosseguir sem perceber o que acontece. Af eles alertam: "Megacidade/ Conta teus meninos/ Canta com teus sinos/ A felicidade intensa/ Que se perde e encontra em ti/ Luz dilui-se e adensa-se/ Pensa-te".